

CABRAL, A. L. T.; SEARA, I. R.; GUARANHA, M. F. (org.). *Descortesia e cortesia: expressão de culturas*. São Paulo: Cortez, 2017.

Resenhado por Nelci Vieira de Lima<sup>1</sup>  
*Universidade Cruzeiro do Sul*

Recebido em: dezembro 2019

Aceito em: fevereiro 2019

DOI: [10.26512/les.v20iespecial.29472](https://doi.org/10.26512/les.v20iespecial.29472)

Organizada por Ana Lúcia Tinoco Cabral, Isabel Roboredo Seara e Manoel Francisco Guaranha, a obra *Descortesia e cortesia: expressão de culturas*, composta por 13 capítulos, foi publicada pela Editora Cortez, em 2017, e constitui-se como importante fonte de estudo a todos aqueles que se interessam pelo fenômeno sociolinguístico e cultural da (des)cortesia/(im)polidez, uma vez que reúne trabalhos de pesquisadores brasileiros e estrangeiros que se propõem a discutir tais fenômenos a partir de perspectivas teóricas nem sempre convergentes, mas, em muitos pontos, complementares.

A leitura da obra nos permite refletir sobre questões como: Seria a cortesia uma competência social ou apenas linguística? Em que medida o comportamento verbal está atrelado a fatores socioculturais? Os pares cortesia/descortesia e polidez/impolidez são fenômenos que dizem respeito às normas de civilidade? A quem cabe aprovar ou condenar determinadas formas de condutas sociais como polidas ou impolidas? É possível traçar uma teoria universal para o fenômeno da cortesia/descortesia? Será a descortesia apenas a ausência da cortesia ou trata-se de outro fenômeno? Ao leitor caberá ainda formular outras questões, de acordo com seu interesse investigativo, uma vez que a obra apresenta um panorama atual dos estudos desses fenômenos, que não se restringem a abordagens linguístico-discursivas.

O capítulo de abertura da obra, intitulado *Abordagem intercultural da polidez linguística: problemas teóricos e estudo de caso*, é de autoria da estudiosa francesa Catherine Kerbrat-Orecchioni, professora emérita da *École Normale Supérieure de Lyon* (França). A autora inicia sua abordagem partindo da premissa da universalidade do fenômeno da polidez, responsável pelo estabelecimento de um mínimo de harmonia nas interações humanas, visto que toda interação traz sobre si o inerente risco do conflito. Para a estudiosa, apesar da constatação de que o fenômeno da polidez seja, de fato, universal, é preciso considerar que sua realização é intrínseca a cada cultura. Nesse sentido, Kerbrat-Orecchioni nos apresenta o modelo brown-levinsoniano da polidez linguística, denominado modelo “BL”, cujo aspecto fulcral está na conceituação de face e de

---

<sup>1</sup> Doutora em Língua Portuguesa pela PUC-SP. E-mail: [nevieira@gmail.com](mailto:nevieira@gmail.com)

território, concebidos como “face positiva” e “face negativa”. Segundo a autora, a originalidade do modelo BL “consiste, sobretudo, em cruzar Searle e Goffman, quer dizer ‘reciclar’ a noção de ato de fala, examinando esses atos segundo os efeitos que eles podem ter sobre as faces das partes presentes” (p. 21). A partir desse cruzamento, o modelo BL criou a noção de FTA (*Face-threatening act*), que corresponde a um ato ameaçador para a face, ao qual a estudiosa acrescenta o FFA (*Face Flattering Acts*), que corresponde, segundo ela, ao “pêndulo positivo dos FTAs”, ou seja, “atos valorizados para a face de outrem” (p. 23). O fio argumentativo do texto nos leva a refletir se, ou em que medida, o modelo BL é adequado para uma análise universal da polidez. Ao apontar possíveis problemas teóricos, a autora também argumenta sobre a necessidade de examinar cuidadosamente o modelo, antes de julgá-lo inadequado, e apresenta uma revisão das críticas ao modelo BL, cujo principal ponto está em seu caráter ocidentalcêntrico, o que reflete na sua incapacidade de ser aplicado também às culturas orientais. De modo coerente e científico, Kerbrat-Orecchioni faz ainda um balanço dos posicionamentos teóricos de autores orientais e ocidentais a respeito do conceito de polidez e da problemática que o envolve, concluindo que, apesar da forma divergente como ocorre nas diversas culturas, são notáveis os avanços alcançados, “graças aos números trabalhos recentes nessa área” (p. 52).

O capítulo 2, *Os frames culturais na fala: expectativas para a (des) cortesia*, de autoria de Dale A. Koile, da Universidade do Texas (Estados Unidos), apresenta, por meio do viés da pragmática-sociocultural, um estudo comparativo envolvendo os *frames* e as expectativas culturais em estudantes do Brasil e dos Estados Unidos, realizado a partir da aplicação de um questionário cultural *online*, cujas questões envolveram iniciar uma conversa, pela primeira vez, com um desconhecido na Universidade e dividir a conta com um amigo em um restaurante. O modelo usado para o estudo foi o de Spencer-Oatey (2000). Outra aplicação do conceito teórico da (des)cortesia, envolvendo o *frame* cultural, envolve a aquisição de segundas línguas (L2). Assim, a autora avalia expectativas culturais estabelecidas a partir da interação entre falantes nativos/falantes nativos e falantes nativos/aprendizes de uma segunda língua.

O capítulo 3, *Contribuições para o estudo da descortesia verbal*, de autoria de Silvia Kaul de Marlangeon, da Universidade Nacional de Rio Cuarto (Argentina), postula, a partir do quadro teórico de Fraser e Nolen (1981) e de Lanvander (1988), a existência de um *continuum* entre a cortesia e descortesia, para o qual enumera uma série de convergências e divergências. A autora aponta para o fato de que a descortesia, assim como a cortesia, pode também ser uma característica normativa em certas comunidades de prática e em certos discursos, como, por exemplo, no contexto do debate político, em que é usada, consciente e voluntariamente, como estratégia discursiva, em forma de uma ruptura com a cortesia, a fim de gerar o efeito de sentido pretendido e de alcançar

determinada finalidade comunicativa, sendo a principal delas a instalação de conflito. Há no capítulo apontamentos consistentes para reconhecer e definir comunidades de prática descorteses, levando-se em conta seus aspectos linguísticos e extralinguísticos.

Se, até aqui, a descrição dos capítulos expuseram o tratamento dado ao fenômeno da (des)cortesia na sociedade, levando-se em conta aspectos teóricos e socioculturais que a envolvem, e contrapondo teorias e elegendo pautas relevantes para o estudo do fenômeno, o capítulo 4 nos surpreende ao abordar a cortesia também como fenômeno linguístico literário. Carlos F. Clamote Carreto, da Universidade Nova de Lisboa (Portugal), situa, no capítulo intitulado *A última fronteira. Cortesia e rituais de hospitalidade na literatura medieval*, o primórdio do fenômeno, surgido no final do século XI e no início do XII, quando emergia uma nova visão de mundo, ou um novo modelo de civilização, dotado de sensibilidade cultural e estética retratada na lírica occitânica.

O capítulo 5 também apresenta um estudo do fenômeno da cortesia e da descortesia tomado como procedimento de produção de sentidos no texto, a partir da linha teórica da Semiótica discursiva francesa. De autoria de Diana Luz Pessoa de Barros, da Universidade Presbiteriana Mackenzie (São Paulo), o capítulo *Cortesia e descortesia em diferentes modos de interação e risco* apresenta os quatro regimes de sentido e de interação propostos por Landowiski (2005), e examina os usos da cortesia e da descortesia nesses regimes. Os regimes são: interação por programação, interação por manipulação, interação por acidente e interação por ajustamento. Como *corpus* analítico a autora toma exemplos do material do projeto NURC (CASTILHO; PRETI, 1987) e fragmentos de debates políticos televisivos ocorridos nas eleições presidenciais de 2014, no Brasil. A estudiosa encerra o capítulo ressaltando a necessidade da realização de estudos semióticos da comunicação falada, importantes tanto para a compreensão de tais fenômenos quanto para a construção teórica e metodológica da Semiótica.

Chama-nos a atenção na obra o fato de que as abordagens apresentadas nos capítulos são diversas, tanto em aspectos teórico-metodológicos, quanto em relação aos *corpus* analisados. Assim, mais uma vez encontramos uma abordagem diferente, no capítulo 6, intitulado *A cortesia no contexto da violência contra a mulher: o papel da linguagem na (des)construção da face agredida*. A partir de uma perspectiva macrosociológica, Micheline Mattedi Tomazi e Gustavo Ximenes Cunha, da Universidade Federal do Espírito Santo e Universidade Federal de Minas Gerais, respectivamente, analisam as relações de poder nas interações em ambientes fortemente hierarquizados, como em um tribunal. Esses autores analisam um trecho de uma audiência, em que uma mulher, vítima de agressão por parte do companheiro, solicita a retratação da acusação. Com base no modelo BL, os autores sinalizam o fato de que as relações de poder, que, de um ponto de vista macrosocial, estruturam a sociedade, antecedem e preexistem as interações, de modo a tornar

assimétricas as relações, levando um só lado a tomar posse e fazer uso das estratégias de controle e de domínio do discurso. Nesse capítulo, Tomazi e Cunha comprovam, por meio das análises, que apenas a juíza, na audiência, detinha o poder de atacar as faces positiva e negativa dos demais participantes (a vítima e o acusado).

O capítulo 7, *Estratégias de (im)polidez: o (des)alinhamento de frames entre ações potencialmente invasivas no contexto de ensino de português brasileiro como língua adicional (PBLA)*, de autoria de Rodrigo Albuquerque e Cibele Brandão, ambos da Universidade de Brasília, contribui muito para a compreensão da (im)polidez em sua intrínseca relação com a cultura. O *corpus* é constituído por gravações de aulas de português brasileiro para estrangeiros, falantes de espanhol, e o objetivo é analisar a construção de sentidos nas interações a partir do acionamento dos *frames* em oferta e no uso de expressões metafóricas, o que provoca relações conflituosas e ameaças à face do interlocutor, devido ao desalinhamento de *frames*. Os autores justificam o estudo a partir da necessidade de “ampliar a noção de atos impositivos”, postulados por Brown e Levinson (1987), levando em consideração que “aspectos interculturais e contextuais” podem “favorecer interações face a face bem-sucedidas”, tomando como premissa o respeito mútuo e a solidariedade (p. 211). Há de se ressaltar a importância do estudo empreendido não só para o campo teórico-metodológico, o que, para a Linguística, como ciência, é primordial, mas também para o campo social, visto que a construção de um diálogo profícuo entre falantes da América hispanófono e brasileiros é primordial para a construção de relações mais humanizadoras.

O capítulo 8, *Contributo para o estudo da (des)cortesia verbal: estratégias de atenuação e de intensificação nas interações*, de autoria de Isabel Roboredo Seara, da Universidade Aberta e Centro de Linguística da Universidade Nova de Lisboa (Portugal), apresenta uma minuciosa revisão teórica dos estudos do fenômeno da cortesia e da descortesia, apresentando uma síntese de perspectivas teóricas de autores de diversas nacionalidades. A autora apresenta também um estudo de caso sobre a cortesia na era digital, a partir de uma amostra de *corpus* coletado, aleatoriamente, no *Facebook*. O estudo torna-se bastante pertinente, dado que, cada vez mais, as interações em redes sociais têm tomado lugar na sociedade do século XXI.

As autoras Ana Lúcia Tinoco Cabral e Silvia Augusta de Barros Albert, da Universidade Cruzeiro do Sul, no capítulo 9, intitulado *Quebra de polidez na interação: das redes sociais para os ambientes virtuais de aprendizagem*, adotam também as interações na esfera digital como objeto de observação, em ambiente institucionalizado e público. As análises efetuadas pelas autoras em comentários de um *blog* esportivo e em mensagens trocadas entre tutor e aluno, em ambiente virtual de aprendizagem de uma Instituição de Ensino Superior, mostram como os procedimentos linguísticos se assemelham e revelam o uso de impolidez e de agressividade verbal.

No capítulo 10, *A descortesia como estratégia na linguagem midiática*, André Valente, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, postula que a descortesia pode ser aceita como virtude na área da Comunicação, em que jornalistas entrevistadores utilizam-na como “estratégia fundamental para consecução dos objetivos” (p. 295). Mais uma vez neste livro, discute-se a questão da normatividade no estudo da cortesia/ descortesia. O autor apresenta diversos estudos de caso de ocorrências de descortesia em interações midiáticas, entre famosos e entrevistador, e entre políticos.

O capítulo 11, *Debate eleitoral, um gênero polêmico: cortesia e descortesia como estratégias argumentativas*, de Sonia Sueli Berti- Pinto e Manoel Francisco Guaranha, ambos da Universidade Cruzeiro do Sul, discutem aspectos relativos à polêmica, a partir dos postulados teóricos de Ruth Amossi (2011), relacionando tais aspectos à descortesia verbal, estratégia linguística utilizada para ferir a face do outro e desqualificar seu discurso. As interações analisadas no capítulo são do campo político e, mais especificamente, integram o gênero debate regrado político, veiculado nos canais abertos de televisão em ocasiões de eleições.

O capítulo 12, *Pragmática sociocultural: a elaboração de um corpus*, de Elisabetta Santoro, Maria Zulma M. Kulikowski e Luiz Antonio Silva, todos pesquisadores da Universidade de São Paulo e membros do grupo de pesquisa “Pragmática (inter)linguística cross-cultural e intercultural”, formado em 2013, trata, de modo bastante específico, das questões de metodologia para coleta de dados e da validade interna e externa dos dados, em pesquisas que visam a analisar as interações comunicativas na língua falada, o que envolve os princípios de Ética em Pesquisa. Os autores apresentam uma pequena amostra de pesquisa realizada a partir da aplicação de um instrumento de coleta de dados aberto e de questões de múltipla escolha, o *Discursive Completion Tests* (DCTs), que pode ser aplicado *online*. Além disso, o capítulo traz algumas análises da amostra coletada, que têm como foco o “pedido” como ato de fala exortativo. Embora a coleta tenha sido realizada somente entre brasileiros, o grupo almeja coletar dados em outros países e cruzar esses dados, a fim de contribuir para a compreensão do fenômeno da cortesia e da descortesia e sua relação sociocultural.

O capítulo 13, *Perspectivas no estudo da polidez*, de Kazue Saito M. de Barros, da Universidade Federal de Pernambuco, fecha a obra com uma revisão crítica de literatura. A autora defende que as teorias a respeito da polidez e da impolidez podem ser divididas em três grupos: “*polidez como forma de evitar conflito, polidez como princípio conversacional e polidez como indexador social*” (p. 362). Para a autora, a polidez como trabalho de preservação de face pode ser considerada o denominador comum dos três grupos. A exposição feita no capítulo é um recorte de

um trabalho maior que, com o apoio do CNPq, tem interesse em estudar os processos de (im)polidez e de preservação de faces em interações sociais entre acadêmicos.

Por fim, a obra torna-se importante, uma vez que reúne um arcabouço teórico-metodológico, e demonstra uma preocupação dos organizadores não apenas em incentivar, mas, sobretudo, em respaldar as pesquisas sobre a (des)cortesia e/ ou a (im)polidez, num momento em que os avanços da *web* e das redes sociais impõem novos modelos de interação, que, no seu limiar, conferem certa normatização e normalidade à descortesia, fazendo surgir outro fenômeno sociolinguístico e cultural: o da violência verbal. Dessa forma, a leitura contribui para delinear tais fenômenos, que devem ser observados a partir de perspectivas diversas para que sejam, de fato, delineados e compreendidos, uma vez que se entrelaçam com a língua, a sociedade e a cultura.